



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DE CAPIVARI DO SUL
Avenida Adrião Monteiro, 2360 Fone/Fax: 3685-1288 – Cep. 95552-000
e-mail: cves@brturbo.com.br.

PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº11/ 2019.

Origem: Legislativo Municipal

Autoria: Vereador ROBERTO CAMARGO

Altera a denominação da Rua Das Figueiras,
Situada na sede do município de Capivari do Sul
para Rua: Maria L. Bueno Nunes.

Art. 1º Altera a denominação da Rua: Das Figueiras Situadas na sede do município de Capivari do Sul para Rua: Maria L. Bueno Nunes.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA DE VEREADORES DE CAPIVARI DO SUL, 09 DEZEMBRO DE 2019.

Vereador ROBERTO CAMARGO
Autor

"Doe órgãos, doe sangue. Salve vidas."

MENSAGEM JUSTIFICATIVA AO PLL Nº11/ 2019

Apresento o projeto para análise dos nobres edis dessa Casa Legislativa para mudança de denominação da Rua: Das Figueiras situadas na sede do município de Capivari do Sul, Rua: Maria L. Bueno Nunes esta mudança é reivindicada pelo vereador Roberto Camargo e aceita pela família de uma forma de justa homenagem a este senhora tão querida de Capivari do Sul era uma mulher e de visão que deixou o seu legado de pessoa honesta, idônea e amiga de todos, no qual se dedicou a sua vida e contribuiu com esta comunidade.

Diante do exposto, solicito o apoio de todos os vereadores para a aprovação do projeto apresentado.


Vereador **ROBERTO CAMARGO**
Autor

BIOGRAFIA

MARIA LUIZA BUENO NUNES, Nascida em Palmares do Sul, RS em 16 de outubro de 1934 e falecida em 10 de setembro de 2019. Filha de Justino da Silva Netto e Jovelina da Rocha Bueno. Portadora de CPF470156750-72 e CI 6040288455.

Dona Maria viveu parte da sua infância nas Fazendas, parte nas granjas, que na época eram os locais mais povoados na região.

Ainda menina lavava roupa para fora, ajudava seus irmãos na lida de campo, casou-se aos dezoito anos, assumindo de imediato o balcão daquele que seria o primeiro armazém do Entroncamento, assinalando o ponto pioneiro deste município. A Venda do Seu Vaninho.

Para atender a demanda dos trabalhadores que vinham de outros municípios, prestarem serviços na temporada de taipas ou na colheita do arroz, montou uma equipe de costureiras formada por suas duas cunhadas mais duas moradoras e assim atender as necessidades durante muitos anos.

Com advento de sua gravidez, despertou no jovem casal a necessidade de trazer para mais perto do entroncamento uma escola, pois a mais próxima distava 6 ou 7 quilômetros.

Nos arredores deste entroncamento havia algumas sedes de granjas com alguma demanda de crianças fora da escola e enquanto seu Vaninho, como era conhecido seu esposo fazia contatos com os proprietários destas lavouras, dona Maria segurava as "pontas" no armazém. Fundaram o primeiro time de futebol desta comunidade. Durante muito tempo dona Maria trabalhou vendendo quitutes, para juntar fundos para excursionar, confeccionava saquinhos de arroz para presentear os times visitados pelo Grêmio Esportivo Capivari, também ficou responsável pelo fardamento(lavagem). Buscaram uma Aula, repartida apenas por um risco no quadro negro e duas carreiras de classes duplas de cada lado, e, começaram as aulas. As duas professoras moravam numa casa dos parentes, (granjeiros vindos de Tapes), gente estudada, um deles médico homeopata, com quem dona Maria aprendeu muito.

Como a escola e o campo haviam sido instalados na chácara de sua propriedade, também ficou com os cuidados da limpeza e demais serviços de manutenção.

Trouxe seus pais e seu irmão menor para morarem nos fundos da escola, assim sua mãe limpava a escola e seu irmão estudava. Dona Maria montou um açougue ao lado do seu armazém para fixar residência à seu pai, que era tropeiro, criando também o primeiro açougue dessa comunidade.

Dividiu a frente de seu depósito em duas salas, cedendo uma para a primeira barbearia e a outra para uma oficina de baterias que, com o surgimento de tratores com motor de arranque e os famosos rádios a baterias, começava a demanda de carregador a gerador em substituição do cata-vento.

O entroncamento começou a despertar interesse, já tínhamos escola, armazém, açougue, oficinas, barbearia, posto de gasolina e até engenho de arroz, movidos a geradores. Muitas famílias de trabalhadores das granjas circunvizinhas, capatazes, mecânicos, aguadores, taipeiros, colhedores manuais, vinham se acomodando em volantes fornecidas pelos granjeiros formando um pequeno povoado.

Dona Maria, assim como a maioria das mulheres dessa época aumentava a família a cada dois anos ou menos, criando uma forte demanda por mais salas de aula e a escolinha não era mais suficiente. Com a mudança para a escola estadual (três salas, seis professores e até diretor, quinta série). Fundado CPM da escola nova, eleito presidente (seu esposo) como primeiro ato construiu uma cozinha que recebia uma espécie de ração para merenda, dona Maria ao experimentar, decidiu que era necessário "engordar a sopa", pois para muitas crianças aquela era a única refeição diária, então começou a suplementar a merenda com arroz e ossos do açougue de seu pai, (bem carnudos) pedia ela.

Com o nascimento de seu quinto filho, 1965, dona Maria reclamou da fumaça do lampião a querosene, achava que merecia coisa melhor para os filhos fazerem a lição de casa. Trocava ideia com a freguesia e a reclamação ganhou corpo. Coincidência ou não, talvez apenas influência, começou-se uma grande campanha para trazer a LUZ elétrica de Osório até Capivari. (coisa utópica) para o tamanho da comunidade, e ainda, aqueles que tinham mais condições financeiras, não seriam contemplados por morarem pra fora, porque assim era o perfil demográfico da região nessa época.

Depois de muita luta e sacrifício, em 1967 era acesa a primeira lâmpada em Capivari. Com custo muito alto ao ponto de comprometer a estrutura financeira dos moradores principalmente os comerciantes que arcaram com a maior parte.

Com o projeto de asfaltamento da RS040 e a partir da construção das pontes nas duas rodovias que formavam o Entroncamento, o progresso complicou Capivari, visto que o comando do DAER escolheu Capivari para alocar vinte famílias, pois a escola era boa, o acesso era bom, ficava mais ou menos equidistante das obras, localização ideal, luz elétrica, foi aí que a visão futurista da dona Maria falou mais alto, mesmo depois de alguma resistência do seu marido por não conhecer as pessoas, resolveram alocar essas famílias nos fundos de seu comércio. Com o crescimento demográfico muito rápido (vinte famílias) de repente causou uma demanda grande na escola, porque cada família tinha dois ou três filhos, motivo suficiente para abrir mais duas turmas, a solução foi em 1970 abrir a sexta série e, em 1972 a escola de Capivari contemplava a comunidade com 1º grau completo.

Acontece que com a conclusão das pontes o pessoal do DAER foi transferido para outro lugar, baixando a demanda também de repente. Com a chegada de outros comerciantes, com a mudança no modelo agrário, invenção da entaipadeira tratorizada, as colheitadeiras automotriz substituíram a foice, os trabalhadores das granjas desapareceram e muito dinheiro (na rua). Dona Maria decidiu mudar de ramo e construiu um prédio para uma Churrascaria, negócio inexistente de Viamão à Cidreira, de Osório a Mostardas, ela acreditava que daria certo, só que para isto precisou vender a esquina, que foi revendida para uma rede de supermercado de Viamão que ameaçava em muito seu negócio. Assim em 1973 estava instalada a primeira churrascaria na região. Trabalharam alguns anos, Ela na cozinha e Ele na churrasqueira até que, com a abertura da Free Way o movimento despencou e a coisa complicou. Resolveram alugar o prédio e mudar-se para Osório para estudar os filhos menores, pois o segundo grau estava longe e o comércio muito fraco.

Em Osório assumiu toda costura do Hospital e desempenhou com muita rapidez esgotando a demanda em menos de meio ano quando pediu demissão para trabalhar numa fábrica de maiôs e biquínis de malha, ofício ainda não executado, mas já no primeiro mês conseguiu ocupar o Primeiro posto de produtividade e qualidade.

Nas oportunidades que vinha a Capivari identificou uma grande necessidade de colaborar com o crescimento de Capivari, nesta época o nosso município era distrito de Osório e ela morava lá, daí convenceu mais uma vez o seu Vaninho a pesquisar a abertura de um loteamento no Capivari, já que o cartório não aceitava mais vender terrenos no modal que fora até então, resolvia-se, na sua visão, dois problemas, o financeiro da família e destravava o desenvolvimento de Capivari. Assim em 1983 estava aberto o primeiro loteamento oficial do município.

Dona Maria para não desalojar os inquilinos, compra uma casa e volta a morar em Capivari para ajudar na comercialização dos terrenos por não haver imobiliária e, pela primeira vez eram vendidos lotes com dois anos de prazo, o que demandou também a cobrança e nisso ela era eficiente o que tornou o investimento viável com sucesso.

Com a doença, a perda de seu companheiro e a conseqüente descapitalização, começa 1985 tudo outra vez, só que agora sozinha com dois menores, e principalmente sem o seu (porto seguro).

Abriu inventário, tocou sua vida de modo retilíneo, com orgulho de não ter deixado voltar nenhum cheque por culpa sua, manteve seu patrimônio, mudou-se novamente para Osório por oportunidade de estudar os menores e trabalhar fora, comprou uma casa na frente da escola.

Durante a demarcação das partilhas, dona Maria nos fins de semana, puxou trena junto com o engenheiro, com facão na mão abrindo picada, pulando valos, acompanhou de perto toda marcação das partilhas para que nenhum herdeiro fosse prejudicado, traçou as ruas com perdas iguais.

"O curioso nesta história é que a rua mais difícil de marcar foi exatamente a rua que ela denominou de rua das figueiras porque além do açude que tinha no caminho, havia várias figueiras inclusive uma centenária onde seu sogro recebia os carreteiros para pousada e descanso dos animais e, por conta disso ficou tortuosa e com ângulo agudo na esquina". (Única rua que nasceu com nome).

Dona Maria provou que era também uma boa negociante, pois manteve seu patrimônio, inclusive aumentou-o, apesar de uma viuvez de mais de 34 anos.

Dona Maria não teve oportunidade de estudar em nenhuma escola, mas aprendeu muito a fazer conta no balcão, lutou para fazer o (Mobral) com mais de trinta e cinco anos, fez cursos de cabelereira, curso de tricô à máquina, curso de corte e costura, ministrou cursos de corte e costura, tirou carteira de motorista depois dos 50 anos, aos 70 montou um mercado para incentivar seu filho caçula, aos 80 montou um sítio com criação de animais, coisas que se orgulhava de fazer.

Aos 83 anos de idade levou ao conhecimento do prefeito o seu projeto de montar um Lar para Idosos. Desistiu por ser muito complicado, burocrático e perigoso, não era para ela nessas alturas da vida ponderou. Mulher de cabeça incansável, jogava canastra e escova, jogos sem valor monetário, apenas como exercício mental, pois receava perder a memória na quarta idade.

Paralelamente ajudou sua mãe na criação de seu irmão caçula, cuidou de sua cunhada com distúrbios mentais por mais de vinte anos, ajudou na criação e formação de seus sobrinhos com muita determinação, também ajudava a vizinhança. Na área da saúde indicava medicamentos, aplicava injeções, examinava doentes e levava pacientes para o hospital sem cobrança nenhuma, muitas vezes pernoitando nos corredores até que soubesse o estado da pessoa para trazer de volta.

Não sendo mais permitido esse tipo de trabalho dona Maria numa conversa despretensiosa com algumas pessoas e principalmente os médicos de Palmares, por ocasião da emancipação de Palmares, facilitou a criação do primeiro posto de saúde de Capivari, cedendo parte do seu imóvel para a instalação. Como o posto era pequeno, apenas uma funcionária, repartiu a casa, cedendo um quartinho menor para atendimento dentário. Por fim repartiu todo prédio e assim acomodou também a primeira farmácia e o primeiro posto telefônico de Capivari.

Em fim, por estas e muitas coisas que se diz, falar do Capivari sem falar da dona Maria e do seu Vaninho é simplesmente impossível, porque as histórias se confundem.

Eles estavam aqui desde o começo, colaboraram com tudo o que era importante para Capivari no seu tempo, inclusive com muitas doações, até terrenos para a Polícia Rodoviária e Centro Comunitário, a começar pela primeira rua de acesso à Igreja Católica, fizeram a primeira festa, compraram o primeiro salão e fundaram a primeira sociedade, começaram tudo por aqui, tinham bastante amizade.

Algumas famílias foram muito importantes nessa trajetória. Inclusive por ocasião do seu aniversário de 80 anos numa grande festa realizada no Centro Comunitário, Dona Maria fez questão de prestar homenagens as dez famílias que na sua interpretação foram responsáveis pelo sucesso dessa comunidade, entregando um pequeno mimo em forma de troféu aos seus representantes.

Dona Maria deixa um grande legado aos seus sete filhos, dezessete netos, quinze bisnetos e um tataraneto.

Capivari do Sul, 08 de dezembro de 2019.